

Tecnologia A FAVOR DA Saúde

Esqueça aquela ideia de futuro violento tomado pelas máquinas. Hoje, um ramo da tecnologia trabalha para melhorar a qualidade de vida das pessoas. A executiva Ligia Zotini Mazurkiewicz e as arquitetas Gabi Sartori e Bia Casaccia encabeçam algumas áreas desses avanços sustentáveis


TEXTO ANA CLAUDIA PAIXÃO
FOTOS JULIA RODRIGUES



há muitos anos, nosso referencial de futuro eram os cenários dos filmes de ficção científica ou de *Os Jetsons*, desenho animado em que a família morava numa casa no meio do espaço e circulava em carros voadores. Ficávamos fascinados por recursos que hoje são totalmente comuns, como ligações em vídeo.

A tecnologia evoluiu – e rápido. Ainda não chegamos aos carros voadores, mas a ciência apresenta novas descobertas todos os dias. E, diferentemente do que pensamos, o foco não está necessariamente nos aparelhos revolucionários, no teletransporte ou nas máquinas que substituem as pessoas. A tecnologia está, na verdade, a serviço dos humanos, ou seja, quer preencher lacunas em nossa vida ou melhorar condições nocivas do dia a dia. “O futuro desejável é muito mais poderoso do que só almejar lucro máximo”, diz Ligia Zotini Mazurkiewicz, executiva com 15 anos de experiência na área.

Nessa proposta, cientistas repensaram todos os âmbitos da nossa vida, começando pelo local onde passamos – ou deveríamos passar – mais tempo: a nossa casa. Sim, aquela história de que a casa é um templo é bem verdade e pode ter impacto profundo na saúde e no bem-estar. Assim são os projetos da arquiteta paulistana Bia Casaccia, seguidora de uma corrente chamada biofilia. Calma, o nome é estranho, mas a técnica faz todo o sentido. Na prática, visa encontrar alternativas em projetos arquitetônicos que unam estética e funcionalidade, mas, acima de

A portrait of Bia Casaccia, a woman with long dark hair, wearing a light blue patterned top and a necklace with a letter 'B'. She is holding a large green leafy plant stem over her shoulder. The background is a plain, light-colored wall.

"Sentia a
necessidade
de alinhar
o propósito
pessoal com o
profissional.
Essas coisas
não poderiam
ser separadas",
afirma Bia
Casaccia

tudo, que tragam benefícios para a saúde. Incluí aumentar a conexão com a natureza, por exemplo, usando grandes janelas para a entrada de luz natural e a circulação de ar. “Nosso organismo não funciona corretamente sob luz artificial. E, à noite, precisamos de escuridão para produzir a melatonina, hormônio que regula o sono. Dependendo dos nossos hábitos e dos locais que frequentamos, não fabricamos os hormônios necessários”, explica Bia. Outra preocupação da biofilia é provocar uma ligação emocional com o lugar, criando um senso de pertencimento. Nesse ambiente, cuida-se da saúde mental do morador, algo muito além de só colocar um teto sobre a cabeça das pessoas.

Para Bia, essa trajetória se abriu quando ela percebeu que havia um descompasso em sua vida. “Sempre fui uma pessoa saudável, que praticava esportes, fazia ioga, meditação, me alimentava com produtos naturais, mas isso não se refletia no meu trabalho ou no escritório. Sentia necessidade de alinhar o propósito pessoal com o profissional. Essas coisas não poderiam estar separadas”, conta. Bia tinha uma carreira corporativa havia mais de dez anos, mas

sonhava com um emprego que lhe permitisse ajudar as pessoas a seguir uma rotina com maior foco em saúde e bem-estar. “Sou formada em arquitetura e não queria virar médica, mas tinha vontade de contribuir com a sociedade”, afirma. Ela encontrou o meio-termo em um curso de construções sustentáveis, em que aprendeu a aproveitar melhor os recursos naturais e a reduzir o custo energético de uma obra. Mesmo assim, não estava satisfeita. Depois de algum tempo, descobriu o design biofílico. “Biofilia é amor à vida, ao próximo e a nós mesmas”, explica Bia.

Não havia referências da técnica no Brasil. Por intermédio do LinkedIn, Bia localizou a arquiteta americana Elizabeth Calabrese, que tinha trabalhado diretamente com o pioneiro da corrente, Stephen Keller. “Mande uma mensagem sem nenhuma pretensão, e ela me respondeu.” As conversas se tornaram frequentes e culminaram no convite para participar da conferência Cities Alive, em Nova York, em 2018. O evento, focado em infraestrutura sustentável, reúne ativistas e profissionais do mundo todo. Bia voltou de lá pronta para abrir a própria consultoria no ramo. Agora, prioriza em suas

construções materiais naturais, vegetação nativa (até de árvores frutíferas) e farta entrada de luz e ar. Também respeita formas orgânicas nos desenhos – num projeto de home office, fez uma mesa inspirada na fluidez de um rio. “Quanto mais conscientes formos da nossa evolução e da dependência do mundo natural, mais saudáveis seremos nossos lares”, acredita.

PREENCHENDO VAZIOS

Gabi Sartori andava angustiada. Na vida pessoal, sofria com a dificuldade de engravidar. No trabalho, a arquiteta e jornalista não sentia mais satisfação ao entregar projetos. “Minha reação foi ir atrás de autoconhecimento, queria entender o que estava acontecendo comigo”, lembra. “Busquei respostas em várias áreas, desde a espiritualidade até a neurociência, tudo junto e misturado”, entrega, rindo. Compreendeu que ou se desconectava totalmente da arquitetura ou incluía todos esses conhecimentos em seu trabalho.

O destino deu uma mãozinha e Gabi encontrou um artigo que tinha tudo a ver com a temática. Era sobre o trabalho de um cientista que comprovava o impacto do ambiente hospitalar na recuperação do paciente. Quanto mais iluminados os quartos e corredores, melhor reagia o enfermo. “A chavinha virou. Descobri a neuroarquitetura, que conecta soluções arquitetônicas com reações cerebrais e, conseqüentemente, comportamentais. Vi que o que eu fazia podia ter um sentido maior”, explica. Todo o desenrolar do projeto é baseado em testes e provas



O futuro desejável é mais do que almejar lucro máximo

LIGIA ZOTINI MAZURKIEWICZ